

Uma análise das estratégias de descortesia em programas humorísticos: o apelo à exploração da imagem na descortesia midiático-lúdica

An analysis of the impoliteness strategies in humor shows: the appeal to the image exploration in the media entertainment impoliteness

Ana Paula Albarelli¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo investigar as estratégias discursivas empregadas em interações polêmicas, cujo principal propósito é expor e denegrir a imagem do outro como forma de entretenimento. Nesse tipo de interação, predominam atos de ameaça às faces dos interactantes no processo de negociação da imagem (*face work*). Trata-se de um tipo de interação marcada pela descortesia verbal, mais precisamente, a descortesia midiático-lúdica, empregada em programas de cunho humorístico. Por essa razão, considerar-se-ão, como aporte teórico, os estudos de Goffman (1967) acerca das faces, bem como os postulados de Culpeper (2011), relativos à descortesia verbal. Como as escolhas dos falantes e ouvintes estão atreladas a mecanismos de gestão da imagem na interação, consideramos estudar a representação e construção dessa imagem à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, mais precisamente, a *metafunção ideacional* e o sistema de transitividade propostos por Halliday (2014), a fim de verificar de que modo essas escolhas léxico-gramaticais – os tipos de processos, os participantes e as circunstâncias – podem colaborar com a construção ou desconstrução da imagem ou mesmo como estratégias de persuasão em interações polêmicas.

Palavras-chave: Face; Descortesia; Transitividade; Participantes; Processos.

Abstract: This present study intends to investigate the discursive strategies employed to polemic interactions, which main purpose is to expose and defame the other's image as a form of entertainment. In this type of interaction acts of threat to the faces of the interactors predominate in the process of negotiation of the image (*face work*). This type of interaction is marked by verbal impoliteness, more precisely, the media-realistic impoliteness employed in humorous programs. For this reason, Goffman's (1967) studies on faces, as well as Culpeper's (2011) postulates on verbal discourtesy, will be considered as theoretical contributions. Since the choices of speakers and listeners are linked to mechanisms of the image management in interaction, we consider studying the representation and the construction of this image in the light of the Functional Systemic Linguistics, more precisely the ideational metafunction and the system of transitivity proposed by Halliday (2014), in order to verify how these lexical-grammatical choices – the types of processes, participants and circumstances – can collaborate with the construction or deconstruction of the image or even as strategies of persuasion in polemic interactions.

Keywords: Face; Impoliteness; Transitivity; Participants; Processes.

Considerações iniciais

A linguagem é uma atividade eminentemente social, por meio da qual formas distintas de pensar e de representar a realidade materializam-se através de textos. É por meio da linguagem que os sujeitos constroem sua imagem social, atuam no mundo

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: aalbarelli@yahoo.com.br.

e estabelecem relações com o outro. A linguagem veicula a interação verbal. A interação verbal, manifestação da linguagem, é, pois, um fenômeno social e, desse modo, é regida pelas normas de conduta de diferentes esferas sociais e práticas comunicativas. Há diferentes, pois, contratos de interlocução que desvelam características específicas, oriundas das relações estabelecidas entre seus participantes – há as polêmicas ou as fundadas no equilíbrio, conforme motivações contextuais nas quais se imbricam.

Conforme os postulados de Goffman (1967), em seus estudos acerca da imagem e das representações assumidas pelos interlocutores na interação, toda prática interacional se afigura como uma ameaça à imagem de seus participantes. Por essa razão, importa mobilizar recursos de negociação da imagem, isto é, mecanismos discursivos pelos quais se visa a mitigar potenciais ameaças. Esse processo denomina-se trabalho de face (*face work*), no qual a negociação da imagem evidencia comportamentos verbais defensivos e protetores das faces, cujo propósito é o de manter o equilíbrio nas trocas verbais. A imagem pública que os sujeitos da interação requerem para si e desejam que seja valorizada pelos outros é denominada como *face*. Ao processo de negociação das faces, empreendido pelos interlocutores nas interações verbais, atribui-se o termo cortesia verbal.

Não obstante, há que se ressaltar que nem sempre o desejo dos interlocutores é o de manter o equilíbrio e o princípio de cooperação na interação, mas sim o de empreender o emprego agressivo do trabalho de face (Goffman, 1967), isto é a descortesia verbal. A avaliação de um ato como cortês ou descortês reside em sua correlação com suas funções e motivações contextuais. Em se tratando do contexto, convém assinalar que a forma pela qual os interactantes se relacionam decorre dos objetivos da interação e, sobretudo, de seu público-alvo. Esses fatores contextuais modelam a prática comunicativa, cujas escolhas linguísticas realizadas pelos interlocutores são, de fato, prementes. Essas escolhas léxico-gramaticais emergem de situações concretas e reais de interação e desempenham funções diversas. Para a Linguística Funcional, as formas linguísticas devem ser analisadas em conformidade com sua função, isto é, consoante suas motivações contextuais, levando-se em conta a linguagem em uso. Assim, para os funcionalistas, a análise dos elementos linguísticos subjaz, necessariamente, à investigação das motivações comunicativas dos falantes de uma língua, que podem ser de ordem cognitiva e interacional.

Entre as distintas abordagens funcionalistas, consideramos, para a análise do *corpus*, a teoria funcionalista de Michael Halliday (2014) – denominada Linguística Sistêmico-Funcional – doravante designada como LSF, segundo a qual as escolhas linguísticas efetuadas pelos falantes na construção dos significados em um texto – resultado da interação verbal e objeto de estudo da LSF – são motivadas pelo contexto, situacional e de cultura. Halliday (2014) postula a existência de três funções da linguagem, denominadas como metafunções: a metafunção ideacional, metafunção interpessoal e a metafunção textual. Por meio da metafunção ideacional, mais precisamente, em função da categoria gramatical denominada transitividade, os usuários da língua representam, através das formas linguísticas, aspectos de suas experiências e visões de mundo. Em outras palavras, por meio da transitividade – fundamento da estruturação semântica das experiências – é possível identificar no texto, isto é, na materialidade da linguagem, escolhas léxico-gramaticais que, realizadas em detrimento de outras, afiguram-se como pistas através das quais o analista infere ações e práticas sociais.

O objetivo deste artigo é investigar as motivações contextuais que subjazem às escolhas léxico-gramaticais efetuadas pelos interlocutores na construção do texto, bem como o papel dessas escolhas como estratégias de descortesia no comportamento verbal agressivo (Goffman, 1967), em um tipo de interação polêmica, em que prevalecem atos de ataque às faces. Por essa razão, no tocante à análise da (des)cortesia, consideramos, ademais, as contribuições de Jonathan Culpeper (2011), cujos estudos investigam tal fenômeno linguístico-discursivo, tendo-se em vista suas funções e finalidades, bem como a construção de significados, atrelada ao seu uso, em razão do contexto e da avaliação realizada pelos interlocutores acerca dos atos descorteses. Destarte, intenta-se investigar a confluência de mecanismos discursivos diversos na (des)construção da imagem, bem como os aspectos discursivos e ideológicos que permeiam as escolhas léxico-gramaticais empreendidas como estratégias descorteses em interações agonais. Procedemos, portanto, ao exame desses mecanismos à luz de duas vertentes teóricas distintas que, todavia, compartilham a concepção de língua em uso, o papel das motivações contextuais, bem como a concepção de que a construção dos sentidos nos textos se dá mediante aspectos semânticos e pragmáticos. O *corpus* constitui-se de uma entrevista realizada pelo programa CQC, da emissora de televisão Bandeirantes, na ocasião da

inauguração de uma ponte em São Paulo, concedida pelo político Paulo Maluf. A transcrição do *corpus* foi realizada em conformidade com as normas de transcrição de textos falados, postuladas pelo projeto NURC (PRETI, 2002).

As contribuições da teoria das faces e da (des)cortesia verbal

Ao estudar as representações do eu no cotidiano, Erving Goffman (1967)², apresenta alguns conceitos³ – desenvolvidos, posteriormente, por diversos teóricos – que marcaram a Sociolinguística Interacional, bem como os estudos das faces e da (des)cortesia na interação verbal: os conceitos de face, a concepção de ‘territórios do eu’ e a noção de trabalho de face (*face work*). Para o autor, *face* é um tipo de identidade ou valor social que os sujeitos reclamam para si e desejam que os outros valorizem. Posteriormente, Brown e Levinson (1987) retomam os conceitos postulados por Goffman (1967), renomeando-os como face positiva e face negativa, respectivamente.

Para os dois estudiosos, a face positiva diz respeito à imagem pública ou social dos interlocutores, ao passo que a face negativa se refere ao desejo dos sujeitos de terem seu espaço individual livre de perguntas ou atos invasivos que possam cercear sua liberdade de escolha ou de ação. Trata-se, pois, do desejo dos interlocutores de não sofrerem nenhum tipo de imposição. O conceito de trabalho de face é, também, retomado e expandido: é designado como cortesia verbal que consiste no emprego de mecanismos discursivos e interacionais – elencados pelos autores na forma de estratégias de cortesia verbal – por meio das quais os interactantes buscam preservar as imagens nas práticas comunicativas, cuja finalidade é manter o equilíbrio das trocas verbais.

Cumprе acrescentar as seguintes considerações apresentadas por Fuentes Rodrigues e Alcaide Lara (2008), acerca da concepção de face⁴: o papel premente da

² Sociólogo, precursor das teorias interacionais e relacionadas às imagens em interações cotidianas.

³ Tradução nossa da versão original em inglês: Toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a compromete em contatos face a face, ou mediados com outros participantes [...] Pode-se definir o termo face com o valor positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que uma pessoa tenha seguido durante determinado contato (GOFFMAN, 1967, p. 3).

⁴ No que concerne à noção de imagem social, devemos dizer que esta deriva do modo pelo qual um indivíduo percebe-se a si mesmo e o modo pelo qual quer ser observado pelos demais. Observamos, pois, como nessa definição são envolvidos, mais uma vez, dois polos comunicativos essenciais: o falante e o ouvinte (FUENTES RODRIGUES E ALCAIDE LARA, 2008, p. 16).

coprodução da interlocução entre falante e ouvinte. Cabe observar que, ao apresentar a concepção de face, Goffman (1967) levou em conta que o processo de construção da imagem social se dá em função do ouvinte – ou seja, do que o falante deseja que seus parceiros interacionais, de fato, avaliem como positivo. Embora a quantidade de aportes teóricos destinados à abordagem da questão da descortesia verbal seja significativa em *corpora* diversos, orais ou escritos – há, inclusive, pesquisas profícuas em relação ao tema (Kaul de Marlangeon, 2005; Zimmerman, 2005), entre outros – há que se ressaltar que a maior parte dos estudos ainda enfatiza a cortesia verbal como objeto de estudo.

Cabe observar, ademais, que os estudos voltados à questão da descortesia, tomam-na, em sua maioria, como o lado oposto da cortesia, isto é, como a ausência da cortesia ou, ainda, como a violação das normas sociais que permeiam os atos corteses. A descortesia não é, portanto, abordada conforme suas próprias regras: não se postulam normas ou regularidades em discursos descorteses, em virtude de que, para muitos estudiosos, a descortesia resume-se a um desvio das regras sociais.

Entretanto, dentre os que tomam a descortesia verbal como objeto de estudo, destaca-se Culpeper (2011), em razão de seus esforços em elaborar um modelo descritivo e analítico do fenômeno, a cada dia mais presente em determinados tipos de interação, cujo propósito é fazer uso de atos descorteses com os seguintes fins: persuasão, entretenimento, exploração da imagem do outro, com vistas à adesão do público, entre outras razões. Culpeper (2011) aponta alguns aspectos que não são apresentados no modelo de Brown e Levinson (1987), como a questão da intencionalidade⁵, da avaliação dos ouvintes diante de um ato de ameaça. Esses fenômenos resultam, conforme Culpeper (2011), da interligação de aspectos semânticos e discursivos. Em outras palavras, para Culpeper (2011), não há atos eminentemente descorteses. Nesse sentido, os atos de ameaça são resultantes da avaliação dos interlocutores, em função de um contexto específico de interação e, por essa razão, sua interpretação depende de aspectos semânticos e discursivos. Culpeper (2011) define a descortesia, a princípio, da seguinte maneira: (1) A descortesia ocorre quando um falante comunica um ataque à face intencionalmente

⁵ Tradução nossa do original em inglês: Eu darei evidências relativas ao fato de que um entendimento (compreensão) da descortesia não depende do reconhecimento de intenções. “I will give evidence of the fact that an understanding of impoliteness does not depend on the recognition of intentions” (CULPEPER, 2011, p. 9).

ou; (2) O ouvinte percebe ou avalia o comportamento ou ato de descortesia como um ato de ataque intencional, ou ocorre a combinação de 1 e 2.

Posteriormente, Culpeper (2011) redefine a noção de descortesia por considerar que ela havia sido focada, em demasia, no ataque e, sobretudo, na importância da intencionalidade do falante, em detrimento da avaliação do ouvinte, especialmente nos estudos de Brown e Levinson (1987). Ao redefinir o conceito de descortesia, Culpeper (1996; 2011) assinala que esse fenômeno se trata de uma atitude negativa que, todavia, depende de fatores pragmáticos⁶. Desse modo, considera que a função e o significado, atribuídos aos atos de ameaça, não são inerentes e não decorrem, tão somente, das formas linguísticas:

Minha posição é dupla, no sentido de que eu entendo a (des)cortesia em seus aspectos semânticos e a (des)cortesia em seus aspectos pragmáticos como oposições interdependentes em uma escala. A (des)cortesia pode ser mais inerente a uma expressão linguística ou pode ser mais determinada pelo contexto, mas nem a expressão nem o contexto garantem, por si só, a interpretação da (des)cortesia (CULPEPER, 2011, p. 11)⁷.

Brenes Peña (2011), estudiosa da descortesia verbal, assim como Culpeper (2011), também ressalta que a avaliação de um ato como ameaçador ou não depende de fatores extralinguísticos, atrelados a aspectos semânticos:

Precisamente esta distinção permite explicar a existência do fenômeno conhecido como falso (...) isto é, a utilização de elementos que, embora do ponto de vista codificado provoquem um efeito de descortesia, no plano interpretado causam o efeito contrário (...). E o mesmo ocorre no caso da hipercortesia e na ultracortesia, termos utilizados para denominar o emprego de elementos normalmente codificados como corteses que produzem, por sua inadequação às normas específicas que regem a situação comunicativa, um efeito de descortesia” (BRENES PEÑA, 2011, p. 47)⁸.

⁶ A descortesia decorre, assim, de formas de comportamentos específicos, que ocorrem em contextos específicos de interação, tratando-se, sobretudo, de uma atitude negativa, a qual depende de aspectos discursivos: “Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviors occurring in specific contexts” (CULPEPER, 2011, p. 11).

⁷ Tradução nossa da versão original em inglês: My own position is dual in the sense that I see semantic (im)politeness and pragmatic (im)politeness as inter-dependent opposites on a scale. (Im)politeness can be more inherent in a linguistic expression or can be more determined by context, but neither the expression nor the context guarantee an interpretation of (im)politeness (CULPEPER, 2011).

⁸ “Precisamente, esta distinción permite explicar la existencia del fenómeno conocido como mock [...] esto es, la utilización de elementos que, si bien desde el punto de vista codificado provocan un efecto de descortesia, en el plano interpretado causan el efecto contrario[...] Y lo mismo sucede en el caso de

Aos atos avaliados de modo distinto do usual, isto é, interpretados de forma diversa da habitualmente interpretada – devido às contingências do contexto discursivo – Culpeper (2011) atribui o termo *mock* (falso), que consiste na recodificação de um ato de cortesia, o qual assume valor negativo em virtude do contexto interacional e da interpretação atribuída pelo ouvinte ao ato. Assim, observa-se que, para Culpeper (2011), há que se considerar, sobretudo, a interpretação do ouvinte no tratamento da (des)cortesia. Além disso, Culpeper (2011) aborda a questão da recodificação, sobretudo, em relação aos atos de falsa descortesia (*mock impoliteness*), muitas vezes neutralizados, isto é, avaliados de forma positiva, em função do contexto e do valor que o ouvinte atribui a tais atos e, em certos tipos de interação, na legitimação⁹ da descortesia. A compreensão desses conceitos – falsa (des)cortesia e legitimação da descortesia – ocorre se se levarem em conta os três tipos de descortesia postulados por Culpeper (2011) em seus estudos acerca das funções da descortesia verbal. De acordo com Culpeper (1996; 2005; 2010), a descortesia assume três funções distintas, que podem ser denominadas da seguinte maneira: descortesia de entretenimento, descortesia afetiva e descortesia institucional. A descortesia de entretenimento, analisada neste estudo, explora seu alvo com o propósito de oferecer entretenimento ao público.

A descortesia de entretenimento envolve entretenimento ou diversão à custa do alvo da descortesia e é, deste modo, sempre exploradora em certo nível. Como toda a descortesia genuína, envolve uma vítima ou, pelo menos, uma vítima em potencial” (CULPEPER, 2011, p. 14).

¹⁰

Embora Culpeper (2011) considere a existência da relação de interdependência entre aspectos semânticos e discursivos, atrelada aos atos de descortesia, vale ressaltar que uma expressão de (des)cortesia pode ser mais ou menos determinada pelo contexto, de sorte que, conforme o autor, há uma escala, cujos graus de

la hipercortesía y ultracortesía, términos utilizados para denominar el empleo de elementos normalmente codificados como cortesés que producen, por su inadecuación a las normas específicas que rigen la situación comunicativa, un efecto de descortesía” (BRENES PEÑA, 2011, p. 47).

⁹ Para Culpeper (2011), há tipos de interação em que prevalecem atos de descortesia legitimados (denominada descortesia de coerção ou institucional). Trata-se de atos de descortesia motivados por contextos de interação específicos: o discurso militar é um exemplo.

¹⁰ Tradução nossa da versão em inglês: Entertaining impoliteness involves entertainment at the expense of the target of the impoliteness, and is thus Always exploitative to a degree. As all genuine impoliteness, it involves a victim or at least a potential victim (CULPEPER, 2011, p. 14).

descortesia de um ato decorrem ora de aspectos oriundos das formas linguísticas (semânticos), ora de aspectos relacionados ao contexto (discursivos). Na monografia intitulada: *Impoliteness: using language to cause offense*, Culpeper (2011) baseia-se no modelo de análise da cortesia verbal elaborado por Brown e Levinson (1987), e retomando as estratégias de cortesia dos dois estudiosos para, a partir das quais, apresentar cinco estratégias de descortesia verbal¹¹. Ao definir o conceito de face, cabe acrescentar que o autor amplia a noção de imagem positiva e negativa, desenvolvida por Brown e Levinson (1987), apropriando-se da concepção de imagem postulada por Spencer-Oatey (2008), segundo a qual há três tipos de face: a qualidade da face (*quality face*), a identidade social da face (*social identity face*) e a face constituída em função das relações sociais (*relational face*). A qualidade da face refere-se a qualidades pessoais do sujeito da interação: trata-se de suas habilidades, de sua aparência, ou de tudo o que se refira ao âmbito individual. A identidade social da face e o terceiro tipo apresentado relacionam-se ao âmbito social e coletivo, respectivamente, isto é, dizem respeito aos papéis sociais por meio dos quais os indivíduos atuam na interação com os parceiros nas trocas verbais.

Culpeper (2011) ressalta, além disso, que a avaliação em relação aos atos cometidos pelos interactantes nas práticas comunicativas decorre de outros fatores, como das reações emocionais – na medida em que um ato é denominado como descortês pelo fato de desencadear reações emocionais negativas. Isso significa que a avaliação de um ato decorre do tipo de percepção que se atribui a alguém atrelada ao tipo de avaliação que se faz do interlocutor e, por conseguinte, de seus atos. Essa avaliação vincula-se, por sua vez, a três fatores: a normas relativas à personalidade (*personality*), que consistem em objetivos e interesses pessoais; a normas pautadas nas relações ou papéis sociais (*social relations or role norms*), que se referem a papéis sociais, isto é, à ocupação dos sujeitos; além das normas relativas a grupos (*group membership norms*), relativas a grupos étnicos, gêneros, classe social, nacionalidade, entre outros aspectos¹². Assim, de acordo com Culpeper (2011), a avaliação ou a

¹¹ Descortesia direta – clara e direta, descortesia positiva – direcionada à face positiva do alvo, descortesia negativa – direcionada à face negativa do alvo, falsa (des)cortesia (mock impoliteness) ou sarcasmo e descortesia indireta (off record).

¹² Tradução nossa da versão original em inglês: O tipo de pessoa que você percebe estar dizendo algo – com a qual se fala – irá afectar a sua avaliação acerca do que essa pessoa diz. O conhecimento sobre as pessoas podem ser agrupados, de acordo com a investigação no âmbito da cognição social, por meio de três áreas: personalidade (normas relativas preferências, interesses, traços, objetivos, etc.); relação social e normas de função (relativa a papéis de parentesco, papéis ocupacionais, papéis

atribuição de juízos de valor, positivo ou negativo, a uma pessoa, depende de fatores extralinguísticos.

Não obstante, cabe ressaltar que, para Culpeper (2011), a compreensão dos atos de cortesia e de descortesia se dá em função da relação de aspectos semânticos e pragmáticos, ou seja, de fatores relacionados à esfera da forma da língua e à esfera discursiva. Assim como os funcionalistas, Culpeper (2011) considera as motivações contextuais e as situações de uso da língua e, sobretudo, o papel do ouvinte no estabelecimento dos sentidos atribuídos aos enunciados. Para Culpeper (2011), a língua não é autônoma e, por essa razão, a análise discursiva deve ater-se às finalidades e funções dos atos de (des)cortesia, a fim de que se possa compreender suas motivações e seus significados. Goffman, entretanto, já havia postulado que, em certos tipos de interação, predominam atos pelos quais os falantes buscam denegrir a face do outro. Trata-se do processo de *pontualização*, por meio do qual as faces são, continuamente, ameaçadas, em virtude de um tipo específico de interação na qual predomina o *emprego agressivo do trabalho de face* (Goffman, 1967)¹³.

Vale lembrar que essa noção de *linha* de comportamento (*line*), com a qual o falante constrói uma imagem – não necessariamente real – mas à qual se atribuem os valores esperados – é, também, apresentada por outros autores, estudiosos da descortesia verbal, conforme Fuentes e Alcaide Lara (2008)¹⁴. Conforme destacam Fuentes e Alcaide Lara (2008), em dados contextos de interação, a agressividade e a descortesia verbal assumem a forma de estratégias ou de procedimentos discursivos de persuasão da audiência. Nesse sentido, as relações de polêmica estruturam o próprio formato de alguns programas, isto é, a interação é, efetivamente, voltada para

relacionais, etc.); normas de membros de grupo (em relação ao sexo, raça, classe, idade, nacionalidade, religião, etc.). “The kind of person you perceive to be saying something will affect your evaluation of what they say. Knowledge about people can be grouped, following research in social cognition into three areas: personality, norms (concerning preferences, interests, traits, goals, etc.); social relation and role norms (concerning kinship roles, occupational roles, relational roles, etc.); group membership norms (concerning gender, race, class, age, nationality, religion, etc.) (CULPEPER, 2011, p. 10).

¹³ “Every person lives in a world of social encounters, involving him either in face-to-face or mediated contact with other participants. In each of these contacts, he tends to act out who is sometimes called as line – that is, a pattern of verbal and nonverbal acts by which he expresses his view of situation and through this his evaluation of participants, especially himself” (GOFFMAN, 2008, p.22).

¹⁴ Desde Goffman (1959, 1961), la imagen (face) se considera una proyección del yo ante el otro, un yo virtual, que no tiene por qué coincidir con lo que es en realidad, sino que se crea a partir de la relación y la interacción social cotidiana. De hecho, A, Cordisco (2003), retomando las ideas de Goffman (1967) y Bravo (1999), llega a decir que “la imagen que posea un individuo de sí mismo condicionará su trato interpersonal, estableciéndose unas pautas o normas cuyo desconocimiento puede tornar problemático el intercambio” (FUENTES; AICAIDE LARA, 2008, p.16).

a violência verbal de modo deliberado, com vistas a entreter: “Actualmente, la descortesía y agresividade verbal se están imponiendo en el discurso televisivo como un médio de persuasión [...]”¹⁵.

Cabe assinalar que, para Culpeper (2011), a agressividade verbal pode assumir a forma de estratégias de persuasão em determinados discursos. O autor destina, inclusive, um capítulo de sua monografia (2011) à abordagem retórica das estratégias de (des)cortesia. Assim como Culpeper (2011), Eelen (2001) considera que alguns atos de (des)cortesia configuram estratégias argumentativas, em se tratando de contratos de interlocução cuja meta de seus participantes é, sobretudo, a de rechaçar a face do outro e, concomitantemente, a de erigir uma imagem à qual o auditório atribua credibilidade: “O estudo dos efeitos e das finalidades argumentativas de falantes que têm como propósito a descortesia é possível” (EELLEN, 2001, p. 113)¹⁶.

As contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional

A LSF considera a língua¹⁷ como instrumento de interação socialmente motivada, constituindo-se em uma prática, cuja forma – elementos linguísticos – não devem ser abordados de forma autônoma, desvinculada de suas funções comunicativas, mas em função de fatores externos à língua. A língua configura um sistema através do qual seus usuários fazem determinadas escolhas em detrimento de outras possíveis nas trocas verbais. Tais escolhas léxico-gramaticais são pertinentes e geradoras de significado: as práticas comunicativas consistem em um “processo semiótico”¹⁸, na medida em que os sentidos do texto, resultado desse processo e objeto de estudo da LSF, emergem em função das escolhas dos elementos linguísticos, efetuadas pelos falantes. Para os funcionalistas, as formas linguísticas

¹⁵ [...] y, sobre todo, como medio altamente eficaz de captación de la atención de la audiencia. [...] Estos formatos televisivos, movidos por el objetivo de obtener mayores cotas de audiencia han sido evolucionando hasta generar un tipo de tertúlias televisivas gobernadas por la descortesía verbal, un tipo de tertúlias en las que el contenido informativo ha sido sustituido por el enfrentamiento y el alboroto (FUENTES RODRIGUES; ALCAÍDE LARA, 2008, p. 22).

¹⁶ Eelen (2001) publicou o livro intitulado: *A critique of Politeness Theories*, pelo qual teceu críticas proíficas à abordagens consideradas simplistas. Segundo Eelen, cumpre trazer à lume o fato de a descortesia não residir, tão somente, na mera ausência das “normas” de cortesia.

¹⁷ Se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico (CUNHA, 2011, p. 22).

¹⁸ Para a LSF, o uso da linguagem é um processo semiótico (CUNHA, 2011, p. 30).

devem ser abordadas à luz de fatores relativos ao contexto, à língua em uso e, sobretudo, às funções veiculadas pelas escolhas de elementos léxico-gramaticais na construção de sentidos da oração e, por conseguinte, do texto, entre outros aspectos.

Em outras palavras, faz-se necessário analisar aspectos linguísticos em situações reais e concretas de interação, nas quais os elementos léxico-gramaticais exercem determinadas funções e colaboram para a representação das experiências humanas, oriundas do mundo real ou do mundo interior dos usuários da língua. O papel desempenhado pelo contexto – cultural e situacional – é de suma importância para a compreensão da função das formas linguísticas e, consecutivamente, para a investigação das motivações extralinguísticas no complexo processo de construção do significado do texto. Para a LSF, o contexto cultural diz respeito a determinadas práticas sociais de culturas distintas, ao passo que o contexto situacional se refere à situação interacional, ou seja, a um contexto mais específico e particular de interação.

O contexto de situação apresenta três variáveis: *o campo*, *as relações* e *o modo*. O campo remete à atividade social, no que se refere aos objetivos e à sua finalidade. A esfera das relações diz respeito à natureza das relações estabelecidas entre os participantes, o nível de hierarquia e as relações de solidariedade e poder, bem como ao nível de formalidade entre os interactantes, aspectos deveras pertinentes na análise da negociação da imagem e na natureza das trocas verbais. Quanto ao modo, cabe acrescentar que essa variável está relacionada a questões relativas ao canal, a saber, à forma pela qual se dá a interação entre os participantes (oral, escrita, dialógica, entre outros aspectos). A fim de investigar de que modo se dá a negociação da imagem na interação, analisar-se-ão essas variáveis ao longo deste estudo. Para a LSF, o texto materializa as representações da consciência e do mundo físico dos indivíduos, assim como o âmbito das relações abstratas. O texto é, com efeito, o resultado, a materialização das práticas comunicativas. Trata-se, portanto, do objeto de análise da LSF, cujo procedimento de análise parte da oração e de seus elementos constitutivos, a fim de desvelar as ideologias ou os aspectos discursivos do texto.

Outro aspecto da teoria de Halliday (2014) que cabe ressaltar diz respeito à existência de três funções da linguagem, denominadas como *metafunções*: a *metafunção ideacional* – pautada na representação da experiência externa e interna, ou seja, no que se faz no mundo – a *metafunção interpessoal*, cujos enunciados

focam-se no estabelecimento de relações interpessoais, no caso, a esfera do modo – bem como a *metafunção textual*, focada no enunciado como mensagem. Importa observar que, neste estudo, procedemos à análise do texto à luz do conceito de *transitividade*, relacionado à esfera da metafunção ideacional, por meio da qual visamos à investigação da questão das relações discursivas e ideológicas, à luz da construção textual. Cumpre assinalar que, para os funcionalistas, a transitividade não está no verbo apenas, mas emerge da oração, a qual se constitui de participantes, circunstâncias e processos¹⁹.

Nessa direção, a oração é o objeto de estudo das formas linguísticas, por meio das quais o analista do discurso reconstrói, através dessas pistas, as representações da realidade que subjazem à estrutura discursiva do texto. O sistema de transitividade é realizado pela metafunção ideacional, por meio da qual os interactantes representam significados relacionados à sua experiência de mundo, interna e externa, acerca da realidade: “A metafunção ideacional representa/constrói os significados de nossa experiência, tanto no mundo exterior (social) quanto no mundo interior (psicológico), por meio do sistema de transitividade” (CUNHA, 2011, p. 27).

Em outras palavras, a representação da experiência – no nível da consciência e no nível dos eventos, ações ou acontecimentos, relativos ao mundo exterior – materializa-se no texto em função das escolhas linguísticas, isto é, por meio de componentes léxico-gramaticais, cuja disposição ou posicionamento conferem ao texto significados distintos, em virtude de motivações contextuais. Assim, pode-se afirmar que os mesmos elementos linguísticos assumem significados distintos em razão de fatores que advêm da situação comunicativa, do papel dos participantes, além do tipo de processo escolhido dos quais os interlocutores fazem uso. Enfim, a linguagem configura um instrumento voltado para a comunicação, subjaz à construção de diversas formas de representar a realidade e, consecutivamente, de concebê-la. Por meio do sistema de transitividade e das escolhas linguísticas efetuadas pelos interlocutores, em situações de uso concreto da linguagem, é possível verificar, pois, os propósitos comunicativos de seus participantes.

Há seis tipos de processos, por meio dos quais os participantes representam eventos relacionados à construção de suas concepções e modos de representar a

¹⁹ What is the status of a figure, as set up in the transitivity grammar of a clause? (...) A figure consists, in principle, of three components (see Halliday & Matthiessen, 1999): (i) a process unfolding through time, (ii) the participants involved in the process, (iii) circumstances associated with the process.

realidade. De acordo com Halliday (2014), os principais processos são os materiais, os mentais²⁰ e os relacionais. Entre esses três, emergem outros três, caracterizados como secundários: os processos existenciais, comportamentais e os processos do dizer (processos verbais). Os processos materiais referem-se à esfera do “fazer”. Por meio dos processos materiais, o Ator – participante responsável por ações que modificam o rumo dos acontecimentos – afeta ou atinge, na realização do processo, outro participante: o Meta, cujo estado é, de algum modo, afetado ou modificado. Há, ainda, outros participantes: o Escopo, o Beneficiário e o Atributo.

Os processos mentais²¹ são classificados em quatro subtipos: os perceptivos, os cognitivos, os desiderativos e os processos mentais emotivos. Nesse tipo de processo, há dois participantes: o *Experienciador*, isto é, aquele que sente, percebe, deseja ou se emociona, em função do processo realizado, e o *Fenômeno*. As orações mentais constituem-se de processos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência. Processos mentais podem indicar afeição, cognição, percepção ou desejo. As orações mentais mudam as percepções que se tem da realidade (FUZER, 2014, p. 54). Consideramos a *transitividade*, foco deste estudo, na investigação das representações construídas pelos interlocutores, constituídas de escolhas de determinados recursos léxico-gramaticais, em detrimento de outros pelos interlocutores na interação verbal, contribui, ademais, com a investigação de outros aspectos discursivos, quais sejam, os de ordem interacional: no caso, o emprego agressivo do trabalho de face, pelo fato de que a gestão da imagem na comunicação interpessoal ser pautada em um contínuo trabalho de negociação e de representação das faces (GOFFMAN, 1967).

Os propósitos comunicativos e a natureza das trocas verbais estão atrelados à incorporação de determinados elementos lexicais e construções sintáticas pelos falantes em lugar de outros. Isso significa que aspectos relativos à intencionalidade, ou seja, a objetivos comunicativos, afiguram-se como elementos discursivos – pragmáticos – que colaboram com a organização da estrutura textual, ou seja, para o

²⁰ “While ‘material’ clauses are concerned with our experience of the material world, ‘mental’ clauses are concerned with our experience of the world of our own consciousness. They are clauses of sensing: a ‘mental’ clause construes a quantum of change in the flow of events taking place in our own consciousness. This process of sensing may be construed either as flowing from a person’s consciousness or as impinging on it; but it is not construed as a material act” (HALLIDAY, 2014, p. 245).

²¹ “Within the general class of ‘mental’ clauses (Figure 5-16), there are four different subtypes of sensing: ‘perceptive’, ‘cognitive’, ‘desiderative’ and ‘emotive” (HALLIDAY, 2014, p. 256).

estabelecimento de sua forma linguística. Por essa razão, no *corpus* em análise, o intento é investigar de que modo a predileção, pelos interactantes, por determinados elementos semânticos – em lugar de outros possíveis – pode ser relevante para a análise da construção e desconstrução da imagem no discurso, em função de motivações pragmáticas e discursivas.

Propomo-nos investigar – à luz da descortesia e das contribuições da LSF – os modos pelos quais a função das escolhas efetuadas pelos interactantes, como a escolha do papel desempenhado pelos participantes nos processos – quer sejam, materiais e mentais – e, inclusive, o uso de determinadas circunstâncias na realização das trocas verbais, decorre da interface entre aspectos semânticos e pragmáticos, a fim de que se possam analisar tipos de representações e concepções ideológicas²² concatenadas à abordagem da negociação da imagem em um contrato de interlocução no qual o dissenso.

Os três componentes – participantes, processos e circunstâncias – que emergem do sistema de transitividade podem colaborar com o processo de gestão e de negociação da imagem em uma troca verbal polêmica. Consideramos que a escolha dos processos materiais e mentais para a análise da gestão da agressividade verbal é pertinente, justificando-se em razão de termos observado que o uso desses processos, no *corpus*, é estratégico: os processos materiais ocorrem no discurso dos interactantes quando seu intuito é o de mostrar ao auditório as consequências ou mudanças decorrentes das suas ações ou das ações de seus interlocutores. Do mesmo modo, os processos mentais são ativados como estratégias interacionais: os interlocutores fazem uso dessas escolhas léxico-gramaticais com o propósito de provocar determinadas reações ou recorrer a lembranças, estados de espírito, ou emoções, como mecanismos de construção de uma imagem à qual o público atribua credibilidade ou, por outro lado, avalie algo de forma negativa. Pode-se afirmar, desse modo, que essas escolhas se afiguram como estratégias interacionais, mas, sobretudo, como estratégias de persuasão²³.

²² Tomamos, aqui, a concepção de ideologia de Van Dijk, segundo a qual, há, na sociedade, diversas formas de conceber a realidade e de legitimá-las por meio do discurso. Não se trata, portanto, de uma concepção de ideologia marxista (relações ideológicas sustentam a opressão da burguesia sobre o oprimido, o proletariado) “Ideologies are the fundamental beliefs of a group and its members” (VAN DIJK, 1998, p.7).

²³ Trata-se de estratégias de persuasão, porque estão atreladas ao propósito de fazer o auditório (aqueles a quem se quer convencer) a crer em algo. Aqui, consideramos a noção de auditório de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]).

Análise do corpus

A entrevista concedida por Paulo Maluf (locutor 2) tem início com o turno do entrevistador (locutor 1) que pergunta ao entrevistado a respeito de outro jornalista, Marcelo Tas, o âncora do programa CQC, cuja imagem é apresentada como forma de intimidar o político, já que em outras ocasiões, L2 havia sido entrevistado por Marcelo Tas, o qual, por sua vez, questionara Maluf a respeito de seu envolvimento em casos de corrupção. Cabe salientar, em um primeiro momento, que o entrevistador tem por objetivo deixar claro o tipo de programa para o qual a entrevista será concedida: um tipo de interlocução regido pela polêmica. Importa acrescentar que, nesse formato de entrevistas, observam-se turnos e tópicos calcados em atos de descortesia, ou mais precisamente, pela *descortesia midiático-lúdica* ou de *entretenimento* (CULPEPER, 2011; BRENES PEÑA, 2011), cujo objetivo é refutar e explorar a face dos entrevistados, com vistas a entreter o auditório e obter sua adesão ao evento comunicativo.

L1 – CQC? *conhece* o CQC?

L2- Maluf– ah: ah ((risos)) olha... eu to *vendo* CQC [...]

L1 – o senhor *sabe* quem é o nosso querido anfitrião...nosso...grande âncora...Marcelo Tas.

Observam-se, à luz do conceito de transitividade, orações mentais, em que se empregam verbos cognitivos, como “conhecer” e “saber”, assim como o processo mental perceptivo realizado pelo verbo “ver”. O emprego desses tipos de processos mentais remete a ideia de que L1 busca recorrer à esfera da consciência, isto é, à representação de mundo interna, relativa ao conhecimento de mundo de L2 acerca do tipo de interação que será estabelecida em função do tipo de programa ao qual Maluf concede a entrevista. Vale ressaltar que, nesse processo, Maluf é *Experienciador*, é ele quem sente, percebe e experiencia o processo mental. O emprego desse tipo de processo e a escolha de Maluf como participante *Experienciador* ocorrem por conta das intenções de L1 de trazer à lembrança de L2 sua relação com um jornalista que, por diversas vezes, ameaçou sua face (GOFFMAN, 1967; BROWN; LEVINSON, 1987), possivelmente, para inibi-lo. Nos próximos turnos, tendo como propósito estabelecer um tipo de interação, fundada na

polêmica e na agressão verbal, procedendo ao ataque à face de seu interlocutor, o jornalista do programa, locutor 1, busca rechaçar a qualidade da face (*quality face*) de Maluf, logo no início da entrevista:

L1 ((incompreendido)) em 67 o senhor já ocupava...foi 63 ou 67?

L2- Maluf – 67... foi o dia que eu tomei posse como presidente da Caixa Econômica Federal [...].

Nesse trecho, observam-se a escolha de processos materiais, por ambos os interlocutores. L1 busca atacar a imagem de L2 recorrendo ao seu passado, aludindo ao seu histórico de envolvimento com desvio de dinheiro público, ao mencionar que Maluf tomou posse (empossou-se) não só de um cargo, mas da própria instituição da qual foi gestor. Isso significa que, ao fazer uso de um processo material (empossar-se de algo), L1 busca ameaçar a face positiva de Maluf, efetuando um ato de descortesia positiva, por meio da qual ataca a imagem do político mediante o uso de um tipo de estratégia de descortesia com a qual se desconstrói o papel social (*role norms*) de L2, por trazer à tona sua conduta questionável na ocupação de um cargo.

Além disso, pode-se observar que o jornalista atribui a Maluf a autoria dos atos, ao defini-lo como Ator, tipo de participante que faz algo, isto é, aquele que modifica o rumo dos acontecimentos – participante que afeta ou atinge algo – na realização do processo material. A escolha desse tipo de processo material e do tipo de participante Ator é significativa e configura-se como estratégia de descortesia, por meio da qual L1 confere a Maluf a imagem de alguém que protagoniza seus atos, deliberadamente. Com efeito, L1 busca responsabilizar L2: é Maluf o Ator da ação. É L2 quem se empossou (tomou posse) não só do cargo, mas da Caixa Econômica Federal inteira, aludindo, assim, ao passado corrupto de Maluf. Os elementos “só” e “inteira”, oriundos da metafunção interpessoal – relativa ao modo – enfatizam o ataque e colaboram para gerar a implicatura de que Maluf desviou dinheiro da Caixa Econômica Federal. As escolhas léxico-gramaticais, atreladas ao conhecimento de mundo, elemento discursivo, contribuem para refutar a imagem de Paulo Maluf. No turno seguinte, Maluf reage de forma negativa ao ato de descortesia, corroborando a afirmação de que, nem sempre, em interações em que a descortesia é legitimada ou neutralizada, em função do contexto situacional, o alvo do ataque a avalia de forma positiva. Observa-se que Maluf reage ao ato de descortesia – a qual não é neutralizada – com um ataque: “você

tá muito pioso viu?” seguido de uma estratégia de falsa cortesia (*mock politeness*): “vo te contrata pra minha futura estação de televisão”.

L2 - Maluf – *tomei posse...como presidente...você tá pioso viu? ...vo te contrata pra minha futura estação de televisão...*

Maluf defende-se do ataque, agregando ao seu enunciado a circunstância “como presidente”, escolha que consiste em uma estratégia de defesa de sua face. Cabe observar que Maluf escolhe o participante Ator ao defender-se do ataque à sua face, assim como mediante um ato de falsa cortesia (CULPEPER, 1996; 2010; 2011), destinado à face de L1: “Vo te contrata [...]”. Nesse caso, há que se ressaltar que Maluf assume o papel de *Ator* em dois processos materiais, realizados por meio dos verbos “tomar posse”, no sentido de apropriar-se, e “contratar”, atribuindo, além disso, o papel de beneficiário ao entrevistador.

Em outras palavras, Maluf coloca-se como protagonista de suas ações: tomou posse, sim, da Caixa Econômica Federal, todavia como presidente e é protagonista pelo fato de ser ele quem vai contratar L1 – um mero beneficiário – para sua futura estação de televisão. Trata-se de um ataque à face de L1, por meio de um ato de falsa cortesia (*mock politeness*), permeado de ironia e sarcasmo (CULPEPER, 1996; 2011). A entrevista prossegue e observam-se outros processos mentais, realizados pelos verbos querer e esquecer. O processo mental, representação da experiência interna, pode veicular lembranças, reações, reflexões, estados de espírito²⁴, entre outros aspectos da consciência. O verbo esquecer representa um estado de espírito com o qual Maluf busca apresentar a imagem de alguém que se preocupa com a opinião pública e, inclusive, com a liberdade de expressão da imprensa. Ao optar por esse processo, Maluf intenta convencer o público de que é aberto a questionamentos, referentes à sua vida política – é democrático – sendo, sobretudo, cortês. Maluf erige o discurso pelo qual se apresenta como um homem público, que vive da imprensa, ou seja, da opinião pública. Trata-se de uma estratégia discursiva de persuasão. Observa-se, ademais, que Maluf busca construir a linha (*line*) de um político aberto a eventuais críticas.

Em contrapartida, o turno de L1 evidencia que o entrevistador emprega um ato de falsa cortesia (*mock politeness*) (CULPEPER, 1996; 2011), como estratégia de

²⁴ (CUNHA, 2011, p. 43).

ataque à face de Maluf: “L1 – é impossível *esquecer* do senhor...senhor Paulo”. O riso, recurso não verbal, acompanha o processo mental realizado pelo verbo esquecer, do qual L1 também faz uso, de forma irônica, ao mencionar que é impossível esquecer-se de L2. Embora pareça um elogio, em virtude do conhecimento de mundo ou de crenças partilhadas, relativas ao contexto de interação, às intenções do entrevistado e ao histórico de corrupção que envolve a figura de Maluf, infere-se que se trata, com efeito, de um ato de ameaça à face, ou seja, um ato de falsa cortesia, recodificado por motivações contextuais – contexto situacional – e pela função que esse ato desempenha, efetivamente, na interação.

L2-Maluf – *quero* dizer para você o seguinte... todos nós...homens políticos *vivemos da política*.

L2-Maluf – quando vocês me *esquecerem* vai ser muito ruim viu?

L1 – é impossível *esquecer* do senhor...senhor Paulo

[

((risos))

No turno seguinte, L1 emprega diversos processos realizados pelos verbos ver, ficar com inveja – processos mentais – e pelo processo material realizado pelo verbo fazer. Nota-se que, novamente, L1 atribui a Maluf o participante Ator. Essa escolha não é fortuita: trata-se de uma estratégia que visa a ameaçar a face de Maluf. L1 atribui a L2 o papel de protagonista de algo que deixou ou não foi capaz de fazer, deliberadamente, atacando-lhe a face ao ironizar a linha de conduta assumida pelo político (*line*) (GOFFMAN, 1967) daquele que “rouba, mas faz”: “L1: essa eu não *fiz*”. Já no trecho: “o senhor não fica com inveja”, L1 escolhe o participante *Experienciador* para Maluf, atacando-lhe a face negativa, por meio de uma pergunta deveras invasiva:

L1 – o senho/num *fica* com inveja quando se vê essa ponte dessas dimensões e *fala* ...essa eu não *fiz*...

No turno em que Maluf se defende dos atos descorteses, cabe acrescentar que, novamente, o entrevistado opta por atuar como protagonista na interação: escolhe o participante Ator, apresentando-se como um político ativo, cuja realização foi a construção da avenida Roberto Marinho. A escolha desse tipo de participante – Ator – e do processo material, é estratégica: L2 busca apresentar a linha (*line*) do político que “faz”. Por essa razão, Maluf coloca-se como protagonista da cena – é um participante ativo, é Ator – que realiza um processo material, por meio do qual se

modifica ou se transforma algo. Trata-se, pois, de uma estratégia de persuasão, mas, sobretudo, de valorização da face, em termos de qualidade (*quality face*)²⁵ de L2.

L2-Maluf – eu *fiz* a avenida Roberto Marinho...*se a avenida Roberto Marinho não existisse...essa ponte não teria finalidade...*

No trecho seguinte, L1 assume o turno e efetua mais ataques destinados à face (*quality face*) de Maluf, por meio de processos diversos. Entre os processos mentais, observa-se o realizado pelo verbo imaginar. Quanto aos processos materiais – realizados pelos verbos fazer e render – cabe fazer algumas observações importantes.

L1- mas *imagina* se o senhor *tivesse feito*...como seria bom né? Como Ela...*renderia*::...frutos diversos...pra cidade...pro senhor...
L2- Maluf – 4 mil veículos por dia...vão *passar* por aqui...por hora...(material)

O verbo render remete à ideia de lucro, renda. Assim, a escolha desse tipo de processo por L1 configura uma estratégia discursiva com a qual o entrevistador ataca a face de Maluf, em virtude de fazer alusão ao fato de que, ao longo de suas gestões políticas, L2 envolveu-se em escândalos relativos a desvio de dinheiro público, sobretudo, com a construção de rodovias e obras públicas afins: “*renderia*::...frutos diversos...pra cidade...pro senhor...”. O participante Meta, realizado pelo sintagma nominal “frutos diretos” diz respeito ao dinheiro proveniente da hipótese de Maluf haver construído a obra. No sistema de transitividade, proposto por Halliday (2014), o participante Meta é o elemento afetado pelas ações do participante Ator, no caso, realizado por meio do pronome ela – a ponte. Assim, uma ponte construída por Maluf afetaria o dinheiro público, ou seja, os frutos diversos, provenientes da construção de uma ponte por Maluf.

A escolha dos participantes e do tipo de processo, material, é resultado das intenções comunicativas de L1 e exercem a função de estratégias de ataque à qualidade da face (*quality face*), bem como à identidade social da face (*social identity face*) de L2. No turno de Maluf, vale ressaltar que L2 foge ao tópico (assunto ou tema do qual se trata) como estratégia de evasão diante do ataque. Maluf não responde à

²⁵ De acordo com Culpeper (2011), a qualidade da face refere-se a qualidades pessoais do sujeito da interação: trata-se de suas habilidades, de sua aparência, ou de tudo o que se refira ao âmbito individual.

pergunta de L1 e, por meio da escolha de um processo material, realizado pelo verbo passar, na medida que L2 busca assegurar as possíveis vantagens da construção de uma ponte, destinadas à cidade, não a ele: “4 mil veículos por dia... vão *passar* por aqui... por hora...”

A entrevista prossegue e o entrevistador empreende novos ataques à imagem de L2, mediante o uso processos relacionais, efetuados pelos verbos: “ser” e “ter”. Vale acrescentar que Maluf, assim como L1, faz uso de processos relacionais, realizados pelos verbos ser e ter, por meio dos quais se intitula como um trabalhador brasileiro e, portanto, conforme L2, um coitado. O fato de um político atribuir a si, imprimindo ao trabalhador brasileiro a característica de um “coitado” – trata-se de um processo relacional atributivo – resulta na apresentação de concepções e representações de L2 acerca da realidade que, possivelmente, colocam sua face social e suas qualidades individuais, como político e como homem público, respectivamente, em risco. Em outras palavras, Maluf procede à ameaça de sua própria imagem (*quality face* e *social face*).

L1 – quantos desse veículos *serão* seus?

L2- Maluf– bo/se eu *tivesse* a General Motors? taria p/

L2- Maluf – mas... como coitado eu *sou* aqui um:...trabalhador brasileiro...eu *tenho* aqui meu ômega...

Ao término da entrevista, observam-se outros processos relacionais, realizados pelos verbos *estar* e *ser*. Há, ademais, o emprego do processo existencial, realizado pelo verbo haver. Nesse trecho final, há que se observar, ainda, que Maluf busca construir a linha de um político conservador – que permanece sempre no mesmo partido e é, além disso, casado com a mesma mulher, há 53 anos. O elemento Circunstância evidencia, no sistema de transitividade, que Maluf parece empreender um grande esforço: no mesmo partido, com a mesma mulher e, por essa razão, é um indivíduo digno de algum mérito. Porém, no momento em que L1 questiona o fato de Maluf estar com a mesma mulher há 53 anos, atribuindo valor negativo a esse estado, Maluf modifica o rumo da conversa. Não é mais L2 quem está com a mesma mulher há 53 anos, mas é Silvia, sua esposa, quem o atura há 53 anos. Observa-se que L2 busca proteger a face da mulher e a sua, já que corre o risco de ter sua própria face ameaçada, também, em virtude de um comentário que veicula um tipo de ideologia

machista²⁶. Nota-se, ainda, que Silvia atura Maluf, ou seja, Maluf opta pelo emprego de um verbo que realiza um processo mental (emotivo) e pela escolha de um participante que, de certo modo, protagoniza a cena, visto que é sua esposa quem experiencia a ação verbal: trata-se do participante *Experienciador*, escolhido por Maluf para definir sua companheira. Vale ressaltar que Maluf coloca sua esposa, mais uma vez, na posição de protagonista, no momento em que menciona que “Silvia vai para o céu direto”.

Ao escolher um processo material – realizado pelo verbo ir – e o participante *Ator*, realizado por Silvia, Maluf valoriza a face de sua esposa, ao apresentá-la como alguém que, efetivamente, atua em seu discurso, ou seja, um tipo de participante que não é afetado pela ação, mas a protagoniza. Nesse sentido, observa-se que Maluf opta por se apresentar como um tipo de participante menos ativo, no processo mental realizado pelo verbo aturar. Por outro lado, Maluf atribui a si o participante *Fenômeno*, o qual, no sistema de transitividade proposto por Halliday (2014), configura um tipo de participante menos ativo no processo realizado. Trata-se de um participante que não protagoniza algo, já que L2 é alvo da representação da consciência do participante *Experienciador*, no caso, Silvia. As escolhas efetuadas por Maluf evidenciam, pois, que L2 atribui à esposa, após correr o risco de ser tachado como machista, um papel mais ativo. Isso significa que essas escolhas são deliberadas e assumem, nesse contexto, papel argumentativo. Assim, a escolha desses processos e dos tipos de participantes é pertinente – são formas de representar a realidade – visto que, por meio delas, Maluf busca valorizar a face da esposa e, consecutivamente, a própria imagem pública, mediante a construção da linha de conduta de um político cujos valores pautam-se na família, em relações duradouras e no respeito por uma instituição, a qual se presume que L2 busca valorizar: o casamento.

L2-Maluf- quarenta e um anos *tô* no mesmo partido...casado com a mesma mulher *há* 53...

L1 o que que é pior? Eh:...*tá* no mesmo partido ou *tá* com a mesma mulher *há* tanto tempo?

²⁶ “Ideologies have something to do with systems of ideas, and especially with the social, political or religious ideas shared by a social group or movement. Communism as well as anti-communism, socialism and liberalism, feminism and sexism, racism and antiracism, pacifism and militarism, are examples of widespread ideologies — which may be more or less positive or negative depending on our point of view or group membership” (VAN DIJK, 1998, p. 6).

L2- Maluf – é melhor é tá com a mesma mulher que a Silvia minha adorada *Silvia me atura*
53 anos...*tenho* certeza...ela vai pro céu direto...

Por fim, um novo ataque é realizado por L1, destinado à imagem positiva de Maluf. Trata-se de um ato de falsa cortesia (CULPEPER, 1996; 2011), por meio do qual o entrevistador parece realizar um elogio, quando, de fato, executa uma ameaça à face de L2, já que, ao concordar com Maluf a respeito do fato de que Silvia vai para o céu, por “aturá-lo”, observa-se o emprego de um ato permeado pela ironia e sarcasmo. De fato, L1 é irônico porque não é cortês de fato, mas, justamente, o contrário. O ato de cortesia é falso, pois é recodificado mediante motivações contextuais: “L1- olha...ah...isso com certeza...”.

Considerações finais

Neste estudo, propusemo-nos investigar os mecanismos discursivos empregados pelos interactantes em um evento de interlocução polêmico. O *corpus* constituiu-se de um programa humorístico, cujo formato revela um tipo específico de interação pautada no comportamento verbal agressivo, por meio do qual os interlocutores fazem uso de recursos discursivos distintos com o objetivo de refutar ou explorar a face do outro, na obtenção de adesão do auditório. Trata-se da descortesia de entretenimento. As análises evidenciaram que as escolhas léxico-gramaticais efetuadas pelos interlocutores são pertinentes: delas decorrem os significados que constituem a oração e, consecutivamente, o texto. Essas escolhas indicam que o significado não é intrínseco às formas linguísticas, mas decorrem da relação engendrada entre aspectos semânticos e pragmáticos, os quais desvelam aspectos discursivos e ideológicos, como as concepções e maneiras pelas quais os indivíduos representam a realidade interna e externa.

Por meio da investigação dos processos de representação, veiculados pelas escolhas linguísticas – participantes, processos e circunstâncias – à luz do sistema de transitividade, proposto por Halliday (2014), não se pretendeu efetuar uma análise pormenorizada de todos os processos que constituem a metafunção ideacional da linguagem, mas de que modo a polêmica pode ser engendrada mediante tais processos com vistas à obtenção da atenção do auditório. Procedemos, sobretudo, à investigação dos processos mentais e materiais, embora tenham sido apresentados

breves comentários acerca de outros processos verbais. A escolha desses processos – mentais e materiais – justifica-se pelo fato de que sua ocorrência se mostrou premente, tanto em termos quantitativos, quanto em termos qualitativos.

Os dados evidenciaram que os processos materiais e mentais cumprem certas funções no *corpus*. O fato de o jornalista atribuir a Maluf um papel mais ativo, na maioria dos casos, o papel de *Ator* em processos materiais e o de *Experienciador*, em processos mentais, mostra seu interesse responsabilizar Maluf. Busca-se mostrar a corrupção e o *ethos* de político corrupto, por meio de mecanismos léxico-gramaticais e discursivos. Maluf responde por suas ações – em se tratando das alusões ao envolvimento de L2 em casos de corrupção, veiculados pelos processos verbais e mentais. Já nos tópicos de Maluf, vale lembrar que o político apresenta ao público detalhes de sua gestão, ao colocar em evidência seus feitos e obras ao longo de sua carreira política, fazendo uso do participante *Ator* realizado no processo material – que consiste num tipo de processo do âmbito do “fazer”. A escolha desse tipo de processo e do tipo de participante é de suma importância para a análise das intenções e dos propósitos comunicativos do entrevistado, considerando-se o fato de que o candidato apresenta a imagem do político que faz²⁷, que constrói estradas, que mostra serviços à comunidade. Nesse sentido, é por meio dessa forma de representar a realidade que o candidato busca a adesão do eleitorado. Trata-se de uma estratégia persuasiva e de valorização da face. A construção do discurso do entrevistado que recorre a processos relacionados à esfera do “fazer” e ao participante *Ator*, remete à imagem pública (*social face*) de L2, o qual, ao longo de sua carreira política, apresentou o *ethos* do político empreendedor.

Assim, suas escolhas são, de fato, pertinentes, já que ao tratar de sua gestão, Maluf coloca-se no papel de protagonista, na tentativa de construir a *linha* do político comprometido – é ele o responsável por suas ações – em um tipo de processo de natureza material. Maluf não se coloca como *Meta*, mas sim como *Ator*. Por outro lado, há que se ressaltar que Maluf atribui a si, em certos momentos da interação, o participante Fenômeno – participante menos ativo – em tópicos em que se expõe sua imagem, sobretudo em trechos cuja personalidade (*personality*) de L2 ou aspectos relativos a normas sociais (*social norms*), ou seja, a instituições sociais, como o

²⁷ Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si [...] não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, [...] seu estilo, suas crenças, suas competências linguísticas[...] são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (AMOSSY, 2008, p.9).

casamento de 50 anos, apresentam-se em risco iminente. Isso se deve ao fato de que, quando Maluf é alvo de acusações e ataques, nota-se que L2 opta por não se apresentar como um participante que protagoniza algo, fato que evidencia menos comprometido com seus atos, possivelmente, em uma tentativa de abster-se da responsabilidade diante das acusações desferidas por L1. O uso desses tipos de participantes, por Maluf, evidenciaram estratégias de defesa da face²⁸.

Por essa razão, esperou-se, em suma, mediante esta pesquisa, colaborar com os estudos discursivos acerca da gestão da imagem em ambientes de interlocuções polêmicas, sobretudo, em trocas cujo objetivo comunicativo é refutar a imagem de seus participantes como forma de entretenimento do telespectador.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.
- BROWN, Penélope e LEVINSON, Stephen C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BRENES PEÑA, Ester. *Descortesía verbal y tertulia televisiva*. 2011.
- CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*. 1996.
- _____. *Impoliteness and entertainment in the television quiz show: the Weakest Link*. *Journal of Politeness Research: Language, Behavior, Culture*. 2005.
- _____. Conventionalised impoliteness formulae. *Journal of Pragmatics*. 2010.
- _____. *Impoliteness Using language to cause offence*. Lancaster University. Cambridge University Press, 2011.
- CUNHA, M. A. F; Souza, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- EELLEN, Gino. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. Metafunção experiencial – oração como representação. In: FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

²⁸ Consideramos que o fato de o falante fazer certas escolhas do sistema linguístico, em lugar de outras opções linguísticas possíveis, nas práticas discursivas, é significativo, uma vez que as escolhas léxico-gramaticais estão, sobremaneira, atreladas a visões, ideologias e representações de mundo, por meio das quais os interlocutores visam atingir determinados propósitos comunicativos, como, por exemplo, o de persuadir o outro, o de denegrir a imagem alheia, com fins de entretenimento, ou de (re)construir uma imagem que inspire credibilidade, entre outros propósitos comunicativos.

- FUENTES Rodríguez, C. y E. Alcaide Lara. *(Des)Cortesía, agresividad y violencia verbal en la sociedad actual*. Sevilla: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays in face to face behavior*. Chicago: Aldine Pub.Co., 1967.
- GOUVEIA, C. *Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional*. 2009.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. Clause as representation. In: *Halliday's introduction to functional grammar*. 4 ed. New York/London: Routledge, 2014.
- KAUL de MALARGEON, Silvia. Descortesía de fustigación por afiliación exacerbada o refractariedade: El discurso tanguero de la década del 20. In: BRAVO, Diana. (Org.). *Estudios de la (des)cortesía en español: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos*. Buenos Aires: Dunken, 2005, p. 299-318.
- PERELMAN, Chaïm. e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VAN DJIK, Teun A. *Ideology and Discourse: A multidisciplinary introduction*. SAGE, 1998.
- ZIMMERMANN, Klaus. Construcción de la identidad y anticortesía verbal. Estudio de conversaciones entre jóvenes masculinos. In: BRAVO, Diana (Org.). *Estudios de la (des)cortesía en español: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos*. Buenos Aires: Dunken, 2005, p. 245-271.

Recebido em: 31/05/2020
Aceito em: 27/08/2020